



Comunicação oral: Eixo 8 - Trabalho, Educação Profissional e Tecnológica

A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE REPRODUÇÃO E NATURALIZAÇÃO DO AGRONEGÓCIO: UMA ANÁLISE DO INSTITUTO FEDERAL DO SUL DE MINAS GERAIS-CAMPUS MUZAMBINHO (2008-2018)

Warllen Torres Nannini - IFSULDEMINAS*

Resumo: A hegemonia do agronegócio no cenário mundial configura-se como um processo dinâmico, paulatinamente construído e atualizado por uma gama variada de estratégias pautadas em capital político, econômico, cultural e simbólico. O agronegócio, atual estágio da agricultura capitalista na sua forma mais crua e dantesca, para perenizar sua boa imagem de modelo a ser seguido, em todas as esferas da sociedade, visa camuflar todas as contradições e obscuridades da sua marcha voraz, usando de diferentes ferramentas e aparelhos ideológicos. Nesse sentido, o sistema educacional funciona como um dos mecanismos fundamentais para a reprodução e naturalização desse modelo de desenvolvimento. Esse trabalho tem como escopo de análise a proposta educacional ensejada pelo Instituto Federal do Sul de Minas, Campus Muzambinho, buscando investigar sua oferta de cursos da área agropecuária, como um possível mecanismo de disseminação e reprodução dos valores e projetos ligados ao agronegócio, na região do sul de Minas Gerais.

Palavras-chave: Hegemonia do Agronegócio. Projeto Capitalista. Educação Profissional.

Introdução

O agronegócio, de acordo com Regina Bruno (2012), pode ser caracterizado como um modelo de produção contraditório, que apesar da sua propalada importância para o PIB (Produto Interno Bruto) nacional e para economia de algumas regiões, por outro lado, constata-se a partir da análise de processos ontológico-concretos a sua característica extremamente concentradora e excludente. Trata-se de um sistema de desenvolvimento altamente lucrativo, mas que, em sua essência, beneficia uma elite de proprietários de terras, organizações, empresas, em detrimento dos pequenos proprietários e trabalhadores rurais. Essa condição conduz e reforça uma característica histórica do campo no Brasil, de concentração de terra e renda, exclusão de pequenos produtores, exploração do trabalho, desemprego, processos migratórios, assim como importantes e significativos danos ambientais. Além disso, a atividade do agronegócio, em grande medida, está assentada no poder político-econômico do patronato rural, que compõe a sociedade política e representam de forma sistemática os interesses das classes dominantes no país.

A hegemonia do agronegócio no Brasil e no mundo configura-se como um processo dinâmico, paulatinamente construído e atualizado por uma gama variada de estratégias pautadas em

*Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas Gerais - Campus Poços de Caldas. E-mail: warllentorresnannini@hotmail.com.



capital político, econômico, cultural e simbólico. Nesse sentido, o sistema educacional funciona como um dos mecanismos fundamentais para a reprodução e naturalização desse modelo de desenvolvimento. A educação voltada ou alinhada às diretrizes de desenvolvimento capitalista propostos pelo agronegócio é uma tendência entre instituições públicas e privadas no Brasil. Os chamados Institutos Federais de Educação Científica e Tecnológica (Ifes) caracterizam-se por serem referências na oferta de cursos ligados à agropecuária e estão espalhados por todas as regiões do país, de forma capilarizada e interiorizada.

Esse trabalho tem como escopo de análise a relação entre a proposta pedagógica do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), Campus Muzambinho e as concepções características do chamado agronegócio, entendendo essa relação como uma das iniciativas no conjunto das estratégias de reprodução e naturalização do projeto capitalista do agronegócio, no Brasil. Nesse sentido, o objeto da pesquisa empírica concentra-se na análise de cursos regulares de Técnico Integrado em Agropecuária e Bacharel em Engenharia Agrônoma do IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho. Além da análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e seus ementários, buscou-se levantar a relação do campus e os respectivos cursos com entidades e empresas notadamente representantes do agronegócio.

Compreender as estratégias com as quais as classes dominantes exercem e atualizam sua hegemonia, configura-se como uma trincheira no âmbito das lutas de classes. Em especial, o campo educacional e acadêmico representa um espaço fundamental nas lutas simbólicas no embate entre diferentes concepções de mundo. Nesse sentido, compreender a forma como uma instituição altamente respeitável e reconhecida de educação pública de formação profissional e tecnológica se articula ao modelo de desenvolvimento do agronegócio é, sem dúvidas, uma forma de compreender melhor a construção e naturalização desta ideologia. Além disso, pesquisar a proposta educacional do IFSULDEMINAS pode ser uma forma de abrir o debate sobre as diferentes possibilidades de abordagens e políticas educacionais na instituição.

Por fim, a importância deste trabalho se dá pela maior conscientização no âmbito da sociedade civil, chamando a atenção para essas contradições do modelo de produção do agronegócio, e a imagem de “modernidade” e “produtividade” que seus associados tentam transmitir, através de vários aparelhos privados de hegemonia, desconsiderando os efeitos de tal modelo de desenvolvimento para a concentração fundiária de renda no Brasil.

A consolidação do agronegócio

O agronegócio, como destaca Manuela Chã (2016), é um modelo de produção que envolve um conjunto de transformações nas práticas da agropecuária, como o uso de tecnologias, maquinários, insumos químicos e sintéticos, que no seu processo histórico, arquitetou novas relações entre ciência e agricultura, edificando novos elos entre o Estado, intuições capitalistas, instituições educacionais e comunidades locais. Sua origem histórica remonta o processo da modernização conservadora, momento pós-Segunda Grande Guerra, marcado pelo avanço mundial do capital. O seu transcurso se deu pela importação do modelo de produção agropecuário vendido pela Revolução Verde, pautado na aquisição de tecnologias, maquinário, insumos químicos e sintéticos.

O termo agronegócio, de uso relativamente recente em nosso país, guarda correspondência com a noção de agribusiness, cunhada pelos professores norte-americanos John Davis e Ray Goldberg nos anos 1950, no âmbito da área de administração e marketing (Davis e Goldberg, 1957). O termo foi criado para expressar as relações econômicas (mercantis, financeiras e tecnológicas) entre o setor agropecuário e aqueles situados na esfera industrial (tanto de produtos destinados à agricultura quanto de processamento daqueles com origem no setor), comercial e de serviços. (LEITE; MEDEIROS, 2012, p. 81).

A formação do complexo agroindustrial envolveu diferentes setores e agentes, tais como: indústrias que dinamizaram o setor agropecuário, indústrias fornecedoras de insumos e maquinários, setor empresarial do transporte, armazenamento e venda, fatores que somados a investimentos de capital nacional e estrangeiro, possibilitaram aos grupos envolvidos com o agronegócio, uma hegemonia que vai muito além das práticas econômicas no setor agrário, pois a variedade de atividades praticadas e suas abrangências tornaram esses grupos extremamente influentes no cenário político nacional. “Por trás dessa guerra metodológica e de números, esconde-se uma disputa pelo acesso aos recursos públicos, tão mais legitimados quanto maior for o peso que se atribui ao agronegócio”. (LEITE; MEDEIROS, 2012, p.86).

Com a justificativa que a modernização promoveu o surgimento de uma nova agricultura, onde o processo produtivo é realizado por grandes cooperativas e pelo setor empresarial, entre as frações agrárias era necessário o surgimento de um porta-voz representativo do setor, devido às transformações “modernas” que ocorreram. Surgindo assim uma crise de representação intraclasse, que seria amenizada com a consolidação de uma nova força hegemônica entre os diferentes interesses dos grupos empresariais da agropecuária, que sobressairia como legítimo porta voz dos interesses de todo o conjunto e demais frações de classe, capaz de ser a dirigente dessa nova agropecuária moderna, ou seja, do patronato rural.

A crise derivada da “modernização” da agricultura brasileira acarretara profunda segmentação de interesses no interior da classe dominante agrária, levando a um duplo processo de diferenciação: econômica e política. Com



isso, estava aberto o espaço para uma disputa que envolveu todos os setores da classe dominante agrária com vistas a assegurar a permanência de seus porta-vozes em agências da sociedade política – ou sua exclusão destas-, o que, num cenário marcado pela especialização não só da agricultura, mas também de suas entidades, tornava cada vez mais difícil a construção de consenso. (MENDONÇA, 2010, p.78).

E como enfatiza Mendonça (2010), ao longo desse processo histórico na disputa pela hegemonia do patronato rural, se destaca a ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio), que não é apenas uma organização centrada nos moldes do patronato rural, ABAG não é apenas a porta-voz da fração agrária, mas também representa os interesses de outras frações das classes dominantes, ligadas ao setor empresarial.

Como afirma a socióloga Regina Bruno (2012), a ABAG conseguiu reunir diversas entidades que direta ou indiretamente encontram-se envolvidos com a atividade agroindustrial. Entre seus associados a ABAG conta com grandes nomes desde cooperativas, do setor de comércio, industrial e do setor de finanças, como bancos. Além disso a ABAG construiu um poderoso braço pedagógico, abarcando diferentes instituições de ensino e pesquisa, além de contar com amplo aparato midiático para divulgar seus valores. Assim, pela construção da hegemonia, pautada no poder político e econômico, simbólico e cultural, visões de mundo embebidas de apologias ao agronegócio, são facilmente difundidas por todas as esferas da sociedade.

O setor empresarial e a educação

No contexto da mundialização do capital, ocorre profundas transformações de natureza política, econômica e social. A Reestruturação Produtiva não é marcada apenas pela crise do sistema fordista/taylorista de produção, com uma série de consequência para o mundo do trabalho, é marcada também pelo avanço do Neoliberalismo, pela mundialização da economia de mercado, agora em rede global dando mais mobilidade ao capital, integrando os mercados financeiros. Como enfatiza Ricardo Antunes:

É neste contexto que se desenvolve a “teoria do capital humano”, uma forma de reprodução ideológica que concebe a pedagogia a partir da economia utilitarista e neoliberal. A força de trabalho, segundo os que fazem apologia dessa corrente, teria deixado de ser apenas uma capacidade homogênea de operar equipamentos e executar tarefas. Ela compreende um conjunto de saberes-fazeres específicos, de habilidades, destrezas, conhecimentos teóricos e práticos que podem e devem ser desenvolvidos previamente pelos/as trabalhadores/as a fim de serem aplicados e consumidos produtivamente por quem os compra, ou seja, os que são detentores da riqueza e dos meios de produção. Trata-se, então, de uma nova fase da educação que se quer pragmática, utilitarista e desenhada segundo a lógica da razão instrumental. E que, para tanto, carece de novas personificações do capital. (ANTUNES, 2017, p.12).

Segundo Ricardo Antunes (2017), novas tecnologias e mudanças técnicas, exigem novos saberes, assim nesse contexto, a educação torna-se uma ferramenta que serve tanto pra



reprodução como para a naturalização de valores dos representantes dessa nova mentalidade acumulativa do capital. Essa nova realidade exige do trabalhador um nível técnico uma sólida escolaridade básica, não basta exigir somente o “saber-fazer” da classe trabalhadora, mas também aprender a conhecer, aprender a viver juntos e o aprender a ser. É o trabalhador inteiramente propenso ao objetivo do capital, estar apto a realizar múltiplas funções, aumentando a produção de forma mais eficiente e rápida, tudo em nome do lucro.

A “globalização” da cadeia produtiva e do sistema financeiro concentrou ainda mais os capitais nas mãos de grandes corporações. Desigualdades sociais e problemas ambientais se intensificam, surge o discurso de responsabilidade social e sustentabilidade, onde as políticas e ações socioambientais foram consideradas serviços não-exclusivos do Estado e, assim sendo, de propriedade pública não-estatal ou privada. Várias formas de gestão e organização de serviços antes tidos como direitos dos cidadãos e deveres do Estado, passam a ser pensados e organizados por instituições empresariais, como por exemplo, a educação. Como ressalta o historiador Rodrigo Lamosa (2013):

A estratégia de inserir nas escolas um programa de educação ambiental do Agronegócio visa “promover a valorização da imagem do agronegócio”, segundo o próprio site da ABAG. O programa objetiva educar jovens, filhos de trabalhadores, apresentando o ideário da responsabilidade social e ambiental do agronegócio, enquanto caminho moderno e viável para a sustentabilidade, em uma região marcada pelo conflito social e ambiental. (LAMOSA, 2013, p.10).

Como enfatiza o Educador Gaudêncio Frigotto (2008), para tornar dominante uma concepção, é preciso que essa concepção de mundo corporifique-se no plano da produção e reprodução da vida social, por isso a educação se torna um espaço a ser conquistado, visto o seu caráter socializador. Sendo assim, a lógica ideológica da pedagogia profissional segundo os moldes do capital, corporifica-se sobre todas as esferas sociais, agindo no âmbito da ideologia, da política, da cultura, materializando-se na sociedade e cimentando a ordem social historicamente produzida, de modo que a visão de mundo e valores dos representantes do grande capital sejam acolhidos com consentimento pela classe trabalhadora.

Os homens na busca incessante de satisfazer suas múltiplas e sempre históricas necessidades de natureza biológica, intelectual, cultural, afetiva e estética, estabelecem as mais diversas relações sociais. A produção do conhecimento e sua socialização ou negação para determinados grupos ou classes não é alheia ao conjunto de práticas e relações que produzem os homens num determinado tempo e espaço. Pelo contrário nelas encontra a sua efetiva materialidade histórica. (FRIGOTTO, 2008, p.43).

O agronegócio, atual estágio da agricultura capitalista na sua forma mais crua e dantesca, para perenizar sua boa imagem de modelo a ser seguido, em todas as esferas da sociedade,

visa camuflar todas as suas contradições e obscuridades, usando de diferentes ferramentas e aparelhos ideológicos, entre eles a educação.

São diversos os exemplos encontrados no campo educacional, que remetem à essa estratégia. Entre eles, segundo Manuela Chã (2016), o programa “Agronegócio na Escola” da ABAG (A Associação Brasileira do Agronegócio), onde professores e alunos fazem visitas a associados da ABAG, onde por meio de palestras e cursos de capacitação, no qual o tema sempre é a imagem de sucesso do agronegócio, os participantes acabam por terem contado com os valores que esse modelo hegemônico propala. A ABAG também fornece material didático que é utilizado em sala de aula, material embebido de discursos que visam valorar de forma positiva a imagem do setor.

Outro projeto educacional elucidado por Chã (2016), é o programa “Agrinho” fornecido pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), que “desenvolve projetos pedagógicos em diversas áreas nas escolas para contribuir com a criação de uma geração de cidadãos mais conscientes. O SENAR capacita os professores e fornece material didático para a rede pública e particular”. (CHÃ, 2016, p.48). Ainda podemos citar, a UNICA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) com o projeto “Agora”, BUNGE e o projeto “Comunidade Educativa”, SYNGENTA e o projeto “Escola no campo”, entre outros.

Todos esses projetos por mais que busquem valorizar a imagem do agronegócio como modelo produtivo de sucesso, elucidando a sustentabilidade, responsabilidade social, justificando o emprego de insumos e tecnologias, como única alternativa a produção e melhoria do padrão de vida no campo e na cidade, na verdade camuflam todas as perversidades e contradições que fazem parte do arcabouço de obscuridades que se escondem por trás do agronegócio. Também é uma forma de capturar a subjetividade dos indivíduos, pois, como afirma o historiador Rodrigo Lamosa (2013), através da ampliação da consciência dos estudantes sobre as atividades agroindustriais da região fica mais fácil a valorização da imagem do agronegócio, por meio da educação. Manuela Chã (2016), acrescenta:

Outro importante aparelho privado de hegemonia que vale destacar são as universidades e centros de pesquisa (públicas ou privadas), espaços onde o agronegócio tem apostado para difundir a sua ideologia promovendo programas de educação em todos os níveis, desde o básico até ao ensino tecnológico, de graduação e pós-graduação em agronegócio. (CHÃ, 2016, p.46).

Segundo Lamosa (2013), o ensino promovido nesses espaços passa a ser mediado por interesses privados, onde o centro desse processo é o fator econômico, levando à perda da autonomia por parte dos professores para conduzir o processo de ensino e perda da criticidade do processo de aprendizagem pelos alunos.

O IFSULDEMINAS e o “AGRO”

O IFSULDEMINAS Campus Muzambinho, objeto do presente estudo, é uma instituição educacional de formação profissional e tecnológica de forte tradição na formação de trabalhadores e empresários do setor agropecuário no Sul de Minas Gerais. Por estar situado em uma região estratégica, onde as bases da economia são fruto da agropecuária, região também onde se situa notórios representantes do setor como: empresas e cooperativas, desenvolve-se as condições para que a presença de variados elementos sejam importantes e justifiquem a presença dos demais. Ou seja, a prática da agropecuária, leva a concentração de empresas e indústrias do setor na região, instituições de ensino locais e regionais passam a oferecer cursos que capacitem novos profissionais para atender o mercado, fato que atrai e concentra recursos, pessoas, investimentos e mais representantes do setor.

Assim, tanto as empresas, como a instituição de ensino, ou aparelhos mediáticos, atraem um número de jovens e adultos na procura de especialização, para serem contratados ou atuar no setor da agropecuária. “O setor agropecuário continua sendo a base de desenvolvimento econômico da região, tendo, em alguns municípios, participação superior a 50% da renda regional”, (IFSULDEMINAS, 2014).

Uma das justificativas para a oferta de cursos profissionalizantes na área da Agropecuária no Campus Muzambinho, é a formação de profissionais que possam atender a demanda econômica regional. Logo se o Campus Muzambinho está situado em uma região onde o agronegócio se faz presente, pois a agropecuária é a base da economia, acaba sendo fundamental que os PPCs dos cursos voltados para à Agropecuária, forneçam disciplinas e saberes que enquadre o futuro profissional dentro dessa lógica capitalista. Ofertando disciplinas que permitam ao aluno um domínio das novas tecnologias e práticas mercadológicas que o agronegócio exige enquanto modelo de produção.

A pedagoga Ilma Veiga (1995) ressalta que o Projeto Político Pedagógico, é um documento que exprime uma dimensão política ligada à visão de mundo e aos interesses de um grupo, uma ação marcada pela intencionalidade.

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. (VEIGA, 1995, p.13).

A modernização da agropecuária exigiu que os cursos profissionalizantes agropecuários desenvolvessem disciplinas que capacitem o futuro profissional, segundo a concepção de mundo do agronegócio. As mudanças tecnológicas resultam em novas interações entre



produção e equipamentos complexos/sofisticados, exigindo novas técnicas e novas ações dos operários, “saber prever eventuais falhas, fazer reparos de emergência e tomar decisões relativas à produção, para evitar que as atividades produtivas sejam interrompidas, provocando prejuízos ao capital”. (BATISTA & ALVES, 2009, p. 8).

O (Quadro-1) logo a baixo, que representa a matriz curricular do curso Técnico em agropecuária Integrado ao Ensino Médio, evidência que, na análise do PPC do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao ensino Médio ofertado no Campus Muzambinho, encontrou-se a oferta de saberes e competências que buscam orientar os alunos para ingressar no ramo do agronegócio, com disciplinas que priorizam a sua formação para um modelo de produção capitalista, com poucas orientações para a prática de uma agricultura familiar, tradicional não embasada em tecnologias e insumos químicos.

Quadro1- Matriz Curricular do Curso Técnico em agropecuária Integrado ao Ensino Médio.

1° ano e disciplinas	2° ano e disciplinas	3° ano e disciplinas
Introdução a Fitotecnia	Fitotecnia I	Fitotecnia III
Solos	Fitotecnia I	Manejo Integrado de Pragas
Reprodução Vegetal	Manejo Integrado de Plantas Daninhas	Manejo Integrado de Doenças de Plantas
Jardinagem e Paisagismo	Zootecnia I	Zootecnia III
Introdução a Zootecnia	Zootecnia II	Nutrição Animal
Reprodução Animal	Topografia	Irrigação
Forragicultura e Pastagem	Rurais	Administração e Economia Rural
Gestão Ambiental na Agropecuária	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira II	Extensão Rural e Associativismo
Mecanização Agrícola	Língua Construções Estrangeira II	Processamento de Produtos Agroindustriais
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira I	Arte II	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira III
Língua Estrangeira I	Educação Física II	Língua Estrangeira III
Arte I	Geografia II	Arte III
Educação Física I	1° Ano e disciplinas	Educação Física III
Geografia I	Filosofia II	Geografia III
Filosofia I	Sociologia II	História III
Sociologia I	Química II	Filosofia III
Química I	Biologia II	Sociologia III
Biologia I	Física II	Química III
Física I	Matemática II	Biologia III
Matemática I		Física III
		Matemática III

Fonte: Quadro elaborado pelo autor após análise e coleta de dados do PPC do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio.

São vários os exemplos de disciplinas e seus conteúdos, encontrados no PPC do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, que colaboram com a tese de que, o

curso visa formar um profissional que se encaixe no padrão de qualidade que o agronegócio exige, segundo seus valores e suas ações. Como exemplo:

DISCIPLINA: MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA. Terminologia das máquinas. Sistema de Levante Hidráulico, Rodados e Compactação. Condução de tratores. Manutenção de tratores. Arados. Grades. Roçadoras. Semeadoras. Plantadoura-adubadora. Tanque Bauer. Equipamentos de controle de plantas daninhas tratorizados. Equipamentos de aplicação de produtos sólidos. Pulverizadores tratorizados. Pulverizadores costais. Colheitadora. Ensiladoras. Esparramadoras. (IFSULDEMINAS, 2016, p.42)

O curso de Engenharia Agrônômica vai pelo mesmo viés do curso de Técnico em Agropecuária, a sua oferta no Campus Muzambinho também se dá pela estratégia regional e econômica, pautada na agropecuária e formação de profissionais para atender a demanda regional. O PPC do curso de Engenharia Agrônômica também prioriza as disciplinas que contribuirão para a formação de um profissional segundo os valores da Revolução verde, da modernização capitalista e das práticas modernas do agronegócio. Por exemplo, a disciplina “administração e economia”:

ADMINISTRAÇÃO e ECONOMIA. Introdução à Administração Rural; Agronegócio e Sistemas Agroindustriais; A Empresa Rural; O Empresário Rural; A empresa Rural x Empresa Comercial / Industrial; Diversificação x Especialização; O Processo Administrativo nas Empresas Rurais: Planejamento, Organização, Direção e Controle; Política Agrícola; Legislação Trabalhista; Custos de Produção; Classificação dos Custos; Centro de Custos; Indicadores Financeiros; Balanço Patrimonial; Levantamento Patrimonial: Ativo circulante, ativo realizável à longo prazo, ativo permanente, passivo circulante, passivo realizável à longo prazo e patrimônio líquido. Estrutura do Balanço Patrimonial; Origem e Aplicação dos Recursos. Indicadores Econômico-financeiros; Fluxo de Caixa. (IFSULDEMIANS, 2017, p.68).

Outros exemplos de disciplinas que trazem em suas ementas os valores da Revolução Verde, também se fazem presentes no PPC do curso de Engenharia Agrônômica, como exemplos as disciplinas: “Mecanização Agrícola” (uso de equipamentos e tecnologias para o manejo da produção bem como na aplicação de defensivos agrícolas), “Hidráulica”, “Irrigação e Drenagem” (técnicas modernas com uso de equipamentos e tecnologias para irrigação), “Fertilidade do Solo e Fertilizantes” (principais corretivos, condicionadores de solo e fertilizantes, classificação e características dos fertilizantes, processos de obtenção, fabricação e cálculo de fertilizantes). (IFSULDEMINAS, 2017, p.26).

Com pesquisas realizadas no site do Campus Muzambinho, percebe-se que a entrada do agronegócio no Instituto, pode ser verificada tanto através de atividades curriculares regulares, quanto em atividades externas e complementares. Nesse sentido, destacamos parcerias, eventos, visitas técnicas, aulas práticas, assim como projetos de extensão e estágios curriculares, que acabam sendo formas concretas para a análise das relações entre o Campus e empresas do agronegócio, contribuindo para a construção de diretrizes

pedagógicas de formação de um profissional “adequado” e “adaptado” ao modelo hegemônico. Essa aproximação pode ser verificada em eventos tais como o SIMPAS:

O evento é uma realização da Cooxupé em parceria com o Campus Muzambinho e conta com o apoio de empresas como ABRASEM ABAG, ANDA IPNI e ANDEF e apresentará palestras sobre Agronegócio, Fertilizantes e Adubação, Produção e mercado de sementes e mudas, Boas práticas Agrícolas, Produção Responsável, ministradas por renomados profissionais da área. (IFSULDEMINAS, 2014).

No evento é notória a participação de entidades, empresas do agronegócio e seus respectivos dirigentes. Luiz Antônio Pinazza palestrante no evento é diretor da ABAG. Pinazza atua também como editor da Revista Agroanalysis da Faculdade Getúlio Vargas – FGV, onde é Professor no curso de MBA em Gestão Estratégica do Agronegócio, em São Paulo. Antes de ingressar na ABAG, trabalhou na empresa Agrocere por 15 anos. Outra empresa relacionada é a Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), uma empresa que visa à difusão de fertilizantes em todas as etapas do processo produtivo.

Tanto Luiz Antônio Pinazza como Eduardo Daher, ambos atuantes no evento SIMPAS como palestrantes ou conduzindo debates, são exemplos de intelectuais orgânicos, pois são porta-vozes da classe que representam, são alguns dos responsáveis por dar vida às estratégias de hegemonia e difundi-las pela sociedade. O filósofo sardo Antônio Gramsci (2000) ressalta que, é comum a criação de intelectuais orgânicos dentro de grupos sociais, atuantes dentro da classe a que pertencem, de forma a homogeneizar a mesma, e desenvolver a consciência da sua função, com a missão de levar a sua visão de mundo para fora dos muros da sua classe, visando ampliar seu espaço de atuação e sua legitimidade junto às demais esferas da sociedade.

Outro evento muito popular no Campus Muzambinho é o Encontro Tecnológico (ENCONTEC), que é uma feira tecnológica que ocorre no pátio em frente ao prédio da administração do campus, cujo objetivo é a troca de informações, tecnologias, experiências e saberes entre o Campus Muzambinho, empresas parceiras e sociedade. Em uma das edições do evento: “Os parceiros Multifertilizantes Organomineral, Syngenta, TMF Fertilizantes e Tuka Triciclos Agrícolas, além de colaborarem no dia de campo, estiveram presentes na feira tecnológica atendendo toda comunidade”. (IFSULDEMINAS, 2018).

Muitos desses eventos são abertos a toda sociedade, contando com a presença de familiares de alunos, produtores locais e regionais, onde são apresentados equipamentos, novas tecnologias, insumos ou práticas que levam um aumento da produção, além de transmitir a imagem do agronegócio como um modelo de sucesso.

Os eventos também contam com participantes que são associados ou fazem parte diretamente da cadeia produtiva do agronegócio, através de palestras, minicursos, matérias



de imagem ou audiovisual, panfletos informativos, materiais didáticos ou até mesmo de brindes, usam dessas ferramentas como marketing estratégico para divulgação dos seus valores ou da relevância do setor enquanto atividade econômica.

Uma das imagens que a sociedade tem do agronegócio é a de modelo que remete a um poderio econômico, isso contribui para a construção de um imaginário coletivo, ancorado nos valores e ideais pregados pelo setor. Por meio dos seus intelectuais orgânicos, os setores do “agro” fazem com que grande parte da população ativa da região acredite que ingressando em alguma área da cadeia produtiva do agronegócio, poderão alcançar o mesmo sucesso econômico que os seus dirigentes e alguns poucos integrantes do patronato rural.

Considerações finais

A modernização da agropecuária exigiu que os cursos profissionalizantes agropecuários desenvolvessem disciplinas que capacitem o futuro profissional, segundo a concepção de mundo do agronegócio. O que se percebe na análise dos PPCs do Curso Técnico em Agropecuária e Bacharel em Engenharia Agrônoma é a oferta de saberes e competências que oriente os alunos para ingressar no ramo do agronegócio, com disciplinas que priorizam a sua formação para um modelo de produção capitalista, com poucas orientações para a prática de uma agricultura familiar, tradicional não embasada em tecnologias e insumos químicos. A produção do consenso sobre o agronegócio como um modelo de sucesso, atrai um grande número de pessoas que através de uma propaganda ideológica sonham alcançar o mesmo status e condição econômica de uma pequena elite.

Conclui-se através deste estudo que o Campus Muzambinho, por oferecer cursos voltados para atender o setor da agropecuária, atrai um número de pessoas e interesses do setor privado do “agro”, que enxergam no Campus um espaço para disseminar seus interesses, visto a importância do mesmo para região, bem como a importância da agropecuária para a oferta dos cursos no Campus. E vimos que essa aproximação se dá por diferentes estratégias e ações, como atividades realizadas fora da sala de aula, como: eventos, palestras, dia de campo, visita técnica, programas jovem aprendiz e na forma de parcerias como Cooperativa-Escola e Escola-Fazenda. Ou seja, mais do que apontar o Campus como um reproduzidor dos valores do agronegócio, a pesquisa propiciou compreender como e por que uma instituição pública de ensino como o IFSULDEMINAS acaba inserida nessa lógica dominante.

Referências

ANTUNES, R. Da educação utilitária fordista à da multifuncionalidade liofilizada. *Anais da 38a. Reunião Anual da ANPED*, São Luis/MA, UFMA, 2017.

BATISTA, R. L.; ALVES, G. A ideologia da educação profissional no contexto do neoliberalismo e da reestruturação produtiva do capital. In: *VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas*, Campinas, Unicamp, HISTEDBR, julho 2009.



BRUNO, R. Movimento Sou Agro: Marketing, habitus e estratégias de poder do agronegócio. 36º Encontro anual da ANPOCS. Fortaleza, 01 set. 2012. Disponível em: <http://observatory-elites.org/wp-content/uploads/2012/06/Regina-Bruno.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

CHÃ, A.M.J. *Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia*. 2016. 159f. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2016.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. *Revista do Centro de Educação e Letras*. UNIOESTE -Campus Foz do Iguaçu v. 10 - nº 1 - p. 41.62 1º sem. 2008.

GRAMSCI, A. 2002. *Cadernos do cárcere*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS. *Conselho Superior. Resolução nº 081/2017*, de 20 de Dezembro de 2017. Pouso Alegre, 2017.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS. *Conselho Superior. Resolução nº 91/2016*, de 15 de Dezembro de 2016. Pouso Alegre, 2016.

INSTITUTO FEDERAL DO SUL DE MINAS-CAMPUS MUZAMBINHO. *Simpas na FEMAGR*, 2014. Disponível em: <https://muz.ifsuldeminas.edu.br/index.php/gerais/2573-simpas-na-femagri>. Acesso em: 28 ago. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DO SUL DE MINAS-CAMPUS MUZAMBINHO. *ENCONTEC 2018. 8ª Edição do Encontro Tecnológico reúne mais de 700 pessoas do IFSULDEMINAS-Campus Muzambinho*, 2018. Disponível em: <https://www.muz.ifsuldeminas.edu.br/index.php/gerais/5909-encontec-2018>. Acesso em: 29 ago. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DO SUL DE MINAS-CAMPUS MUZAMBINHO. *Engenharia Agrônoma*. Muzambinho-MG, 08 mai. 2018. Disponível em: <https://www.muz.ifsuldeminas.edu.br/index.php/cursos/37-presencial/280-engenharia-agronomica>. Acesso em: 30 ago. 2018.

LAMOSA, R.A.C. *O programa agronegócio na escola: um estudo sobre a entrada do empresariado na escola pública. Conhecimento histórico e diálogo social*. Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364343743_ARQUIVO_ArtigoANPUH2013final.pdf. Acesso em: 07 set. 2018.

LEITE, S.; MEDEIROS, L. Dicionários da educação do campo. In: LEITE, S.; MEDEIROS, L. *Agronegócio*. Rio de Janeiro, 2012, p. 81 -87.

MENDONÇA, S.R. *O patronato rural no Brasil recente (1964-1993)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

VEIGA, I.P.A. Projeto Político-Pedagógico na Escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I.P.A. (org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 24. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2002.

VEIGA, I.P.A. *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. IN: Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1995.

2021 Coloque em sua Agenda
Vou pra Sorocaba - SP

FOI MARAVILHOSO CONTAR COM VOCÊS EM NOSSO EVENTO – AINDA QUE DE FORMA REMOTA. ESPERAMOS VOCÊS NO II COLÓQUIOS DE 25 A 28 DE MAIO DE 2021.

II COLÓQUIOS DE POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

Equidade social na educação brasileira

25 a 28 de maio de 2021

ANAIIS DO II COLÓQUIOS DE
POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

ISSN: 2674-8630

UFSCAR

GEPLAGE

EQUIDADE SOCIAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

APÓIO: NÚCLEO DE ESTUDOS, PESQUISAS E FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO
NEFOPE – PPGED/UFSCar – Sorocaba

SENAI Educação UFSCar ProPE CCHB DCHE CNPq

<https://doity.com.br/ii-colquios-de-politicas-e-gesto-da-educacao>

Informações:

geplageufscar@gmail.com

What



<https://doity.com.br/ii-colquios-de-politicas-e-gesto-da-educacao>